


**“NA LEOPOLDINA EM CADA ESQUINA QUEM DOMINA É O BONSUCCESSO”:
HISTÓRIA E SIMBOLOGIA DOS HINOS DO BONSUCCESSO FUTEBOL CLUBE**

**“IN LEOPOLDINA, ON EVERY CORNER, BONSUCCESSO IS THE ONE WHO
DOMINATES”: HISTORY AND SYMBOLISM OF THE BONSUCCESSO FOOTBALL CLUB
HYMNS**

**“EN LEOPOLDINA, EN CADA ESQUINA, BONSUCCESSO ES EL QUE DOMINA”:
HISTORIA Y SIMBOLISMO DE LOS HIMNOS DEL CLUB DE FÚTBOL BONSUCCESSO**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-230>

Data de submissão: 15/09/2025

Data de publicação: 15/10/2025

Bruno Castro

Doutor em Educação Física

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: profbrunocastro@gmail.com

Giovanni Rafael Romano Valladão

Doutor em Educação

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: rafaelromano1987@hotmail.com

RESUMO

Este artigo analisa os hinos do Bonsucesso Futebol Clube (BFC) como artefatos culturais centrais na construção de sua identidade. O primeiro hino de 1921, que teve sua letra escrita por Noemia de Castro, e melodia baseada na “Canção do Marinheiro”, é compreendido como documento histórico de ascensão do clube à elite do futebol carioca, com melodia marcial e letra histórico-narrativa que expressam o orgulho da comunidade suburbana da Leopoldina. Em contraponto, o Hino Popular de Lamartine Babo (1949) insere o BFC no imaginário cultural carioca por meio de uma melodia popular, de marchinha carnavalesca, e de letra histórico-narrativa que exalta a figura de Leônidas da Silva e traduz a irreverência da cultura popular. Por sua vez, o Hino do Centenário (2013), de Beca Lopes, apresenta melodia popular e letra histórico-narrativa, reafirmando a resistência e o pertencimento da agremiação em sua trajetória centenária. Em conjunto, essas composições revelam dimensões complementares da identidade rubro-anil: solenidade histórica, integração festiva e resistência contemporânea. A análise evidencia como os hinos funcionam como instrumentos de coesão simbólica, veículos de memória social e expressões do patrimônio imaterial do clube e de sua comunidade.

Palavras-chave: Futebol. Bonsucesso Futebol Clube. História. Hinos.

ABSTRACT

This article analyzes the anthems of Bonsucesso Futebol Clube (BFC) as central cultural artifacts in the construction of its identity. The first anthem, from 1921, with lyrics written by Noemia de Castro and melody based on the “Sailor’s Song,” is understood as a historical document of the club’s rise to the elite of Rio de Janeiro football, with a martial melody and a historical-narrative lyric that expresses the pride of the suburban community of Leopoldina. In contrast, the Popular Anthem by Lamartine Babo (1949) places BFC within the cultural imagination of Rio through a popular melody in the style of a carnival march, with historical-narrative lyrics that exalt the figure of Leônidas da Silva and

embody the irreverence of popular culture. Meanwhile, the Centennial Anthem (2013), by Beca Lopes, presents a popular melody and historical-narrative lyrics, reaffirming the club's resistance and sense of belonging throughout its centenary journey. Taken together, these compositions reveal complementary dimensions of the red-and-blue identity: historical solemnity, festive integration, and contemporary resilience. The analysis highlights how the anthems function as instruments of symbolic cohesion, vehicles of social memory, and expressions of the intangible heritage of the club and its community.

Keywords: Football. Bonsucesso Football Club. History. Anthems.

RESUMEN

Este artículo analiza los himnos del Bonsucesso Futebol Clube (BFC) como artefactos culturales centrales en la construcción de su identidad. El primer himno, de 1921, con letra de Noemia de Castro y melodía basada en la “Canción del Marinero”, se comprende como un documento histórico de la ascensión del club a la élite del fútbol carioca, con melodía marcial y letra histórico-narrativa que expresa el orgullo de la comunidad suburbana de la Leopoldina. En contrapunto, el Himno Popular de Lamartine Babo (1949) sitúa al BFC en el imaginario cultural de Río mediante una melodía popular de marcha carnavalesca, con letra histórico-narrativa que exalta la figura de Leônidas da Silva y traduce la irreverencia de la cultura popular. Por su parte, el Himno del Centenario (2013), de Beca Lopes, presenta melodía popular y letra histórico-narrativa, reafirmando la resistencia y el sentido de pertenencia de la agremiación en su trayectoria centenaria. En conjunto, estas composiciones revelan dimensiones complementarias de la identidad rubro-anil: solemnidad histórica, integración festiva y resistencia contemporánea. El análisis evidencia cómo los himnos funcionan como instrumentos de cohesión simbólica, vehículos de memoria social y expresiones del patrimonio inmaterial del club y de su comunidad.

Palabras clave: Fútbol. Bonsucesso Futebol Clube. Historia. Himnos.

1 INTRODUÇÃO

O futebol se configura como uma prática social complexa que ultrapassa os limites do campo de jogo, impregnando-se de significados culturais, históricos e simbólicos que o tornam um fenômeno privilegiado para a compreensão de identidades coletivas (Toledo, 2002). No Rio de Janeiro, essa dinâmica é particularmente visível na trajetória dos clubes de bairro e suburbanos, que funcionaram como centrais aglutinadoras de sentimentos de pertencimento e orgulho local, em contraponto às agremiações da Zona Sul e do centro da cidade (Abreu, 2010; Ribeiro e Pereira, 2024). Neste panorama, o BFC, fundado em 1913 na Zona da Leopoldina, destaca-se não apenas por sua história esportiva – marcada pela revelação de ícones como Leônidas da Silva –, mas também por sua consolidação como expressão cultural de seu território, recentemente reconhecida por seu status de Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro.

Neste contexto, a produção musical em torno do clube, materializada em seus hinos, oferece um rico vetor de análise. Como argumenta Souza (2009), os hinos de clubes cariocas funcionam como instrumentos de coesão simbólica, reforçando a unidade entre agremiação e comunidade. Essa perspectiva é ampliada pela coexistência, comum a muitos clubes, de múltiplas composições que juntas compõem um repertório plural de representações musicais (Souza, 2009; Tubino, Souza e Valladão, 2009). No caso do BFC, essa pluralidade é exemplar: de um lado, o primeiro hino de 1921, que teve sua letra escrita por Noemia de Castro, baseando a melodia na “Canção do Marinheiro” (Cisne Branco) de Antônio Manoel do Espírito Santo (Sargento Calhau), com um tom solene que celebra a ascensão esportiva; de outro, o hino popular de Lamartine Babo (1949), que incorpora humor, ritmo carnavalesco e a exaltação do ídolo Leônidas da Silva, inserindo o clube no universo da cultura radiofônica e de massa; e, finalmente, o Hino do Centenário (2013), de Beca Lopes, que atualiza a identidade rubro-anil com linguagem contemporânea, celebrando os cem anos de história e reforçando o vínculo com a modernidade.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo analisar as letras, a origem e o significado cultural do primeiro hino (1921), do hino popular (1949) e do hino do centenário (2013) do BFC, compreendendo-os como expressões simbólicas fundamentais e complementares para a construção e perpetuação da identidade histórica, social e contemporânea do clube.

Esta pesquisa utilizou a classificação criada por Souza (2009), em sua dissertação, que analisou a dimensão melódica e a temática das letras dos hinos oficiais e populares do Rio de Janeiro: Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense e América. Na dimensão melódica, as composições foram categorizadas como: marciais, de influência militar; transitórias, em processo de popularização; populares, como as marchinhas carnavalescas de Lamartine Babo (Souza, 2009). Quanto às letras, a

análise identificou textos bélicos que comparam o futebol a um campo de batalha; higienistas que refletem ideias de limpeza e saúde da época; sacralizados que usam uma linguagem religiosa e mística e; histórico-narrativos que contam a origem do clube ou a história de seu bairro (Souza, 2009). Essa categorização nos permitiu analisar os hinos do BFC.

2 HISTÓRICO DO CLUBE

O BFC foi fundado em 12 de agosto de 1913, no bairro homônimo (Bonsucesso) da Zona da Leopoldina, região que, no início do século XX, passava por um processo de urbanização impulsionado pela expansão ferroviária e pelo crescimento da classe trabalhadora (Abreu, 2010). Desde o início, o clube se consolidou como uma expressão cultural e esportiva do subúrbio, participando das competições promovidas pela Liga Suburbana, que reunia agremiações de bairros periféricos em contraponto aos clubes da Zona Sul e do centro do Rio (Ribeiro; Pereira, 2024).

Na década de 1920, o BFC começou a ganhar notoriedade pela organização e pela competitividade, alcançando espaço nas principais divisões do futebol carioca. Foi nesse período que surgiram as primeiras rivalidades significativas, sobretudo com Olaria e Madureira, que também representavam polos esportivos da Zona da Leopoldina (Oliveira, 2024).

A década de 1930 marcou um dos períodos mais importantes da história do clube, com a revelação de talentos que projetaram o nome do BFC no cenário nacional. O exemplo mais célebre é Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, que vestiu a camisa rubro-anil antes de brilhar pelo Vasco, Flamengo e pela Seleção Brasileira (Buarque de Hollanda, 2018; Medeiros, 2018). O jogador foi garoto-propaganda da Lacta, que batizou um de seus chocolates com o apelido dele (Diamante Negro) e usou sua imagem para promover a barra crocante lançada em 1938. Ele cedeu o direito de uso do apelido para a marca e recebeu, na época, o equivalente a 2 contos de réis, além de uma pequena participação nas vendas futuras (Teixeira; Schmidt; Garcia, 2013). A presença de um craque dessa dimensão, mesmo por um curto período, reforçou a identidade do clube como espaço de formação de grandes jogadores.

Entre as principais conquistas, destacam-se os títulos da segunda divisão do Campeonato Carioca e campanhas consistentes na primeira divisão estadual durante o período amador e nas primeiras décadas do profissionalismo. Além disso, o BFC foi presença constante em competições interestaduais amistosas, muitas vezes servindo de vitrine para atletas que se transferiam para clubes de maior projeção (Silva, 2019).

O estádio Leônidas da Silva, inaugurado em 1944 e batizado em homenagem ao “Diamante Negro”, tornou-se um símbolo do bairro e da resistência esportiva no subúrbio carioca. Ao longo das

décadas, passou por reformas estruturais para atender às exigências das competições, embora, em diversas fases, tenha sofrido com limitações financeiras e problemas de manutenção (Lima, 2020).

A estrutura administrativa também se modificou ao longo do tempo. Houve períodos de maior profissionalização na gestão, alternados com fases marcadas por crises internas e dificuldades de patrocínio, refletindo o cenário comum a muitos clubes de médio porte no Brasil (Rodrigues, 2015). Apesar dessas oscilações, a relação com a torcida manteve-se sólida: o BFC sempre preservou o vínculo social, com arquibancadas que funcionam como ponto de encontro do bairro e como espaço de sociabilidade (Abreu, 2010).

Em reconhecimento a essa trajetória centenária e à sua relevância cultural para o Rio de Janeiro, o clube foi oficialmente declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Lei nº 6.047/2022 (Rio de Janeiro, 2022).

A trajetória do BFC é também marcada pela formação de indivíduos cujas histórias pessoais e familiares se entrelaçam com a do esporte nacional. Um exemplo notório é o de Flávio Guilherme Paraense, cuja ligação com o clube iniciou-se nas categorias de base. Proveniente de uma família com notável tradição esportiva e militar, Paraense carrega um legado familiar de conquistas. Seu tio, Aluísio de Almeida, o "Bolero", destacou-se como zagueiro do Clube de Regatas do Flamengo, onde disputou 143 partidas e foi campeão do Torneio Rio-São Paulo de 1961. Seu avô, Guilherme Paraense, foi um personagem histórico de relevância ímpar: além de coronel do Exército Brasileiro e atleta do Fluminense Football Club, tornou-se o primeiro medalhista de ouro olímpico do Brasil, vencendo a prova de pistola rápida 30m nos Jogos de Antuérpia, em 1920, onde também atuou como porta-bandeira da delegação nacional (Franzini, 2020).

Flávio Guilherme Paraense deu seus primeiros passos no futebol no time dente-de-leite do BFC, onde uma campanha de destaque lhe abriu as portas para o Fluminense, clube pelo qual atuou por doze anos. Sua bem-sucedida carreira profissional incluiu passagens por clubes europeus e por agremiações brasileiras como Treze Futebol Clube, Clube Náutico Capibaribe e Vila Nova Futebol Clube. Atualmente, Paraense ocupa cargos de liderança no BFC, atuando como Presidente de Futebol e Vice-Presidente Administrativo, conectando assim seu destino ao do clube que o revelou, num movimento que simboliza a perpetuação dos valores e da história rubro-anil (Depoimento pessoal, 2025)¹.

¹ Dados biográficos fornecidos por George Joaquim, Presidente do Bonsucesso Futebol Clube, Flávio Guilherme Paraense, Presidente de Futebol e por Henrique César Alves de Oliveira, sócio remido e membro do conselho deliberativo, em entrevista concedida aos autores em 2025.

3 SIMBOLOGIA DO CLUBE

A simbologia do BFC traduz elementos de identidade, memória e pertencimento, constituindo um repertório visual e cultural que ultrapassa a esfera esportiva. Assim como em outros clubes do Rio de Janeiro, mascotes, cores, escudos, gritos de guerra e flâmulas desempenham papel essencial na consolidação de laços entre torcida, bairro e instituição (Helal; Gordon; Buarque de Hollanda, 2001; Toledo, 2002).

O BFC adota como mascote o “Leão da Leopoldina”, representação que associa a força e a coragem do animal à bravura do clube em sua trajetória esportiva. A escolha do leão remete a valores de luta e resistência, características fundamentais para um time oriundo do subúrbio carioca, que desde sua fundação em 1913 enfrentou adversidades estruturais diante das agremiações mais ricas da cidade. A literatura sobre mascotes no futebol brasileiro aponta que tais símbolos funcionam como metáforas animais que reforçam a virilidade, o espírito guerreiro e a identidade de grupo (Silva, 2006). No caso do BFC, o leão expressa também a liderança e o protagonismo alcançados em momentos históricos, como a revelação de grandes atletas para o cenário nacional.

As cores rubro-anil (vermelho e azul) estão presentes desde a fundação do clube e foram incorporadas ao escudo (Figura1) e ao uniforme (Figura 2) como elementos centrais da identidade visual. O vermelho simboliza a paixão e a energia, enquanto o azul remete à nobreza e à confiança, numa combinação cromática recorrente em clubes populares do início do século XX (Pereira, 2000). O escudo do BFC passou por algumas variações ao longo do tempo, mas manteve o destaque para as iniciais “B.F.C.” e para as cores que o caracterizam. Como observa Guedes (1998), a evolução dos escudos de clubes de futebol reflete mudanças institucionais e adaptações estéticas que dialogam com diferentes épocas, mas preservam sempre um núcleo identitário.

Figura 1 – Escudo do BFC



Fonte: <https://www.fferj.com.br/ClubesLigas/ViewTeam?alias=23>

Figura 2 – Uniforme do BFC



Fonte: <https://www.instagram.com/p/DLYS3qGRYGI/?igsh=eTk0Ynd5OW8zbDJz>

Os gritos de guerra da torcida do BFC, como em muitas outras agremiações suburbanas, expressam a dimensão performática e ritualística do futebol. Toledo (2002) destaca que os cânticos das arquibancadas devem ser compreendidos não apenas como manifestações de incentivo momentâneo, mas como práticas culturais que produzem identidade e pertencimento. No caso do BFC, expressões como “Avança, Bonsuça!”, “Rubro-anil, orgulho da Leopoldina” ou “Vamos, Leão!” condensam símbolos já consagrados pela história do clube — o apelido carinhoso, as cores e o mascote — e os transformam em gritos coletivos que reforçam a ligação entre torcida, bairro e jogadores.

De acordo com Toledo (2002), a oralidade nesses contextos funciona como uma forma de “tradição viva”, na medida em que cada geração de torcedores atualiza, adapta e recria os cânticos de acordo com os desafios do clube. Assim, os gritos de guerra do BFC operam como dispositivos de memória social: remetem às vitórias históricas, evocam ídolos como Leônidas da Silva e simbolizam a resistência de um clube que, apesar das dificuldades, mantém viva sua presença no futebol carioca.

Outro ponto enfatizado por Toledo é que os cantos e gritos de guerra não podem ser reduzidos à ideia de simples apoio emocional. Eles constituem verdadeiras performances sociais, nas quais se articulam corpo, voz e emoção, dando forma a uma identidade torcedora que se expressa tanto nos estádios quanto nas ruas e bares do bairro. No BFC, essas performances assumem um caráter ainda mais social, pois reforçam a imagem do clube como representante da Leopoldina, aproximando-o das práticas culturais e festivas típicas dos subúrbios do Rio de Janeiro. As flâmulas e bandeiras do BFC possuem grande valor histórico, sendo utilizadas em jogos, trocas protocolares com outros clubes e na decoração das sedes sociais. Muitas dessas peças foram confeccionadas em tecidos bordados, com as cores rubro-anis e o escudo estilizado em diferentes versões. Exemplares raros, preservados por colecionadores e pela própria instituição, revelam a importância atribuída a esses objetos como símbolos de prestígio e representação do clube em cerimônias esportivas. Segundo Helal, Gordon e Buarque de Hollanda (2001), as flâmulas e bandeiras, embora muitas vezes tratadas como ornamentos secundários, constituem artefatos de memória fundamentais para compreender a cultura material do futebol, conectando o passado e o presente por meio da visualidade.

4 OS HINOS DO BFC

4.1 PRIMEIRO “HYMNO” DO BFC

A trajetória musical do BFC reflete, como em outros clubes cariocas, a sobreposição entre identidade esportiva e expressão cultural (Souza, 2009; Tubino; Souza; Valladão, 2009). O estudo dos hinos revela não apenas a exaltação esportiva, mas também aspectos de memória, pertencimento e representação social. No caso do BFC, é possível identificar dois momentos distintos, simbolizados por dois hinos que se complementam: o primeiro hino de 1921, com letra escrita por Noemia de Castro², e o hino popular de Lamartine Babo, criado na década de 1940 como parte do célebre cancionário dos clubes cariocas.

² A hipótese inicial de que Noemia de Castro pertencia à família Teixeira de Castro, que dá nome à importante Avenida Teixeira de Castro, no bairro de Bonsucesso, Rio de Janeiro (RJ), foi levantada durante a pesquisa. No entanto, uma análise dos registros genealógicos da família, não encontrou nenhuma menção a Noemia de Castro.

Fonte: <https://luizfernandohissedecastro.blogspot.com/2018/01/teixeira-de-castro-parte-1.html>

O primeiro hino de 1921 nasceu em um contexto de afirmação do clube no cenário esportivo. Em 1921, o BFC conquistou o campeonato carioca da 2ª divisão, assegurando a ascensão à elite do futebol do Rio de Janeiro. Esse feito histórico mobilizou a comunidade suburbana da Leopoldina, que via no clube uma representação de sua luta por reconhecimento diante das agremiações da Zona Sul (Oliveira, 2024). A escrita da letra por Noemia de Castro também confere singularidade ao hino: em uma época em que a participação feminina na vida pública era restrita, a composição de um hino por uma mulher revela a inserção de novas vozes na construção da identidade esportiva. A letra do hino foi publicada na página 8 do jornal O Imparcial, em 25 de setembro de 1921 (Figura 3). Tal página foi encontrada pelo Presidente do BFC, George Joaquim, no site da Biblioteca Nacional, e fornecido a esta pesquisa. E para uma melhor observação da letra, pode-se visualizá-la no Quadro 1.

Figura 3 – Hino dado de presente ao BFC e publicado na página 8 do jornal O Imparcial, em 25 de setembro de 1921

[illegible]

Quadro 1 – “Hymno” do BFC

Hymno ao BFC F. C.

Letra de Noemia do Castro o musica da "Canção do Marinheiro"

I

*Quanta alegria que nos traz a volta
Do team amado do Bomsucesso;
Dada por finda a nossa peleja,
Indo avante—sempre em progresso!
(Bis).*

ESTRIBILHO

*Com forte shoot
Vae vusando
O goal adversario;
Para com gloria
Conquistarmos
A victoria
O Bomsucesso
E' campeão da Metropolitana
E' campeão da segunda divisão.*

II

*O Bomsucesso, que lutou com garbo
Para defender o seu pavilhão,
Viu conquistadas com grande brilho
Os virentes louros de campeão.*

ESTRIBILHO

*Oh! Bomsucesso !)
Tu pódes ter)
Convieção,)
Que ninguém) Bis.
Te tira,)
Mais este tituir .)
De campeão.)*

FIM

Noemia de Castro (letrista) – 1921

FONTE: Jornal O Imparcial, edição de 28 de setembro de 1921. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=107670_02&pagfis=7939

O hino de letra escrita por Noemia de Castro em 1921 foi inspirado na “Canção do Marinheiro” (Cisne Branco) de Antônio Manoel do Espírito Santo (Sargento Calhau), e representa um marco fundamental na história do BFC, funcionando não apenas como peça musical, mas também como documento histórico da ascensão do clube à primeira divisão do futebol carioca. A ocasião de sua criação foi a conquista do campeonato da segunda divisão, que garantiu ao BFC o direito de disputar a elite estadual, um feito de enorme repercussão para o bairro e para seus torcedores. É possível

observar, inclusive, que a letra é escrita com o português da época em palavras como: “hymno”, “Bomsucesso”, “vae”, “victoria”.

Tal momento pode ser compreendido no contexto da expansão dos clubes suburbanos, que, na década de 1920, buscavam afirmar-se diante das tradicionais agremiações da Zona Sul, ocupando o espaço simbólico da resistência e da afirmação comunitária (Oliveira, 2024; Ribeiro; Pereira, 2024).

A autoria do hino é por si só significativa. Em um cenário no qual a participação feminina na vida pública era extremamente restrita, a escrita da letra por Noemia de Castro revela a presença de vozes femininas na construção da identidade cultural e esportiva do bairro. O hino, nesse sentido, não deve ser lido apenas como exaltação esportiva, mas também como indício da inserção de novos sujeitos na vida social do Rio de Janeiro, em um período de transformações urbanas e culturais.

Do ponto de vista simbólico, a letra apresenta um tom solene, próprio dos hinos oficiais que marcaram a Primeira República e o Estado Novo, e se insere em uma tradição que recorre a metáforas militares e heroicas para exaltar a bravura, a luta e a glória dos atletas. Essa característica é comum aos hinos de clubes brasileiros, como observam Silva e Mendonça (2008). A celebração da conquista de 1921, transposta para o campo musical, cumpre a função de eternizar o feito, transmitindo-o às gerações seguintes e assegurando ao clube um espaço de legitimidade entre as agremiações da elite (Freitas, 2019).

Outro aspecto relevante é o modo como a canção associa o nome “Bomsucesso” ao sentimento de progresso e triunfo. Essa dimensão revela a íntima ligação entre clube e território, pois o hino não apenas exalta uma vitória esportiva, mas também traduz o orgulho do bairro da Leopoldina e de sua população trabalhadora, que via no clube a expressão de sua própria luta por reconhecimento (Oliveira, 2024). Trata-se de um traço característico das agremiações suburbanas, que, ao longo das décadas, forjaram sua identidade em diálogo direto com os territórios que representavam (Ribeiro; Pereira, 2024).

O hino ainda valoriza a coletividade, destacando a união entre jogadores e torcida, como se ambos formassem uma única frente em direção às vitórias. Esse traço é coerente com a análise realizada por Souza (2009) e Tubino, Souza e Valladão (2009), segundo a qual os hinos oficiais dos clubes cariocas funcionavam como instrumentos de coesão simbólica, reforçando a unidade entre agremiação e comunidade. O encerramento da canção retoma a ideia de luta e perseverança, projetando o BFC como entidade em constante construção histórica, dotada de uma grandeza que ultrapassa sua condição periférica e dialoga com o prestígio dos grandes clubes da cidade.

Assim, a importância do hino de 1921 reside em múltiplas dimensões: enquanto registro histórico, celebra a conquista que marcou a ascensão do BFC; enquanto peça simbólica, expressa o

orgulho e a identidade do bairro; enquanto obra autoral, introduz uma mulher como protagonista em um espaço dominado por homens. Por todas essas razões, recomenda-se que a diretoria do BFC reconheça oficialmente esta composição em seu estatuto, garantindo a preservação do hino como patrimônio cultural imaterial do clube e de sua comunidade. A vitória esportiva foi transposta em linguagem musical como celebração da coletividade, em consonância com o que Freitas (2019) observa a respeito dos hinos de clubes: trata-se de peças que, mais do que marcar um momento esportivo, funcionam como marcos de memória e identidade. Nesse sentido, e por se tratar do primeiro hino composto para o BFC recomendamos que a diretoria do clube o oficialize como seu primeiro hino oficial em seu estatuto, assegurando seu reconhecimento como parte de seu patrimônio cultural e de sua comunidade.

A análise do hino da letrista Noemia de Castro à luz da classificação proposta por Souza (2009) permite identificar sua melodia como marcial e sua letra como histórico-narrativa. A dimensão marcial manifesta-se na forte influência de ritmos militares e dobrados, comum aos hinos do início do século XX, que buscavam transmitir solenidade e disciplina. Esse traço aproxima a composição de uma marcha cerimonial, conferindo-lhe a cadência própria das músicas de exaltação cívica e esportiva da Primeira República, o que fica ainda mais evidenciado por ela ter baseado a melodia na “Canção do Marinheiro”. Já a letra se enquadra na categoria histórico-narrativa por expressar, de maneira direta, o registro de um acontecimento específico – a conquista do campeonato da segunda divisão em 1921 – e por projetar a ascensão do BFC à elite do futebol carioca como marco de progresso coletivo e identidade comunitária.

Essa combinação de melodia marcial e letra histórico-narrativa reforça a função simbólica do hino como instrumento de memória e celebração. Ao mesmo tempo em que a cadência militarizada confere ao canto um tom solene e cerimonioso, a narrativa da letra cumpre o papel de eternizar a vitória esportiva como momento fundador na trajetória do clube. Souza (2009) observa que composições com esse perfil não se restringem ao incentivo às vitórias futuras, mas atuam como verdadeiros documentos musicais, imprimindo no repertório cultural da agremiação os feitos que definem sua identidade. No caso do BFC, a canção de letra escrita por Noemia de Castro legitima o clube como representante da Leopoldina, inscrevendo-o no cenário futebolístico carioca com a dignidade de quem conquista, pela primeira vez, seu espaço entre os grandes.

4.2 O HINO POPULAR

O hino popular do BFC, composto por Lamartine Babo por volta de 1949 (Quadro 2). Trata-se do período de consolidação do rádio como principal veículo de difusão cultural no Brasil e da

consagração de Lamartine como um dos grandes compositores de marchinhas carnavalescas e canções ligadas ao futebol. A biografia escrita por Suetônio Soares Valença (1974) oferece um panorama abrangente da trajetória artística de Lamartine e permite compreender melhor o contexto no qual foram compostos os hinos populares dos clubes cariocas. Valença destaca a versatilidade do compositor, capaz de transitar entre o carnaval, o rádio e o futebol, incorporando humor, irreverência e musicalidade popular em suas criações. No caso do BFC, essa perspectiva é fundamental para entender o caráter festivo e descontraído do hino popular, que não apenas celebra a memória de Leônidas da Silva, mas também insere o clube no universo cultural mais amplo da cidade do Rio de Janeiro. A leitura da obra confirma a ideia de que Lamartine soube transformar símbolos esportivos em expressões musicais de identidade coletiva, tornando seus hinos parte integrante da memória afetiva dos torcedores.

Nesse ambiente, os clubes cariocas passaram a ser retratados em músicas que associavam elementos de humor, ritmo contagiante e símbolos identitários de fácil reconhecimento, projetando as agremiações para além do espaço esportivo e consolidando sua presença no imaginário popular (Silva; Mendonça, 2008).

Quadro 2 – O Hino Popular, de Lamartine Babo

Hino Popular
<p><i>Para a torcida rubro-anil Palmas eu peço (clap! clap!) Na Leopoldina em cada esquina Quem domina é o Bonsucesso Lá surgiu um jogador sensacional Surgiu Leônidas, o maioral! Quando a turma joga em casa A linha arrasa Que baile... Que troça! A torcida grita em coro Não há choro A vitória hoje é nossa</i></p>
Lamartine Babo – 1949

FONTE: <https://fanaticospelocesso.blogspot.com/2011/10/vale-pena-ver-de-novo-hino-do.html>

No caso do BFC, a composição de Lamartine ganha contornos particulares, pois incorpora em sua letra a figura de Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, um dos maiores ídolos da história do futebol brasileiro. A passagem de Leônidas pelo BFC, ainda no início de sua carreira, foi decisiva para a projeção do clube no cenário nacional, transformando-o em celeiro de talentos e em espaço de afirmação da identidade negra no esporte (Buarque de Hollanda, 2018; Medeiros, 2018). Ao destacar

esse ídolo, o hino popular associa a memória do BFC a uma narrativa de protagonismo e inovação, reforçando sua relevância na história do futebol carioca.

Enquanto o hino de 1921, de letra escrita por Noemia de Castro, adota uma linguagem solene, inspirada em valores de glória, luta e progresso, o hino de Lamartine traduz uma outra dimensão da identidade rubro-anil: a da festa, da leveza e da aproximação com o universo do carnaval. Sua melodia descontraída e suas referências humorísticas aproximam o BFC da cultura radiofônica e carnavalesca, estabelecendo pontes entre futebol e música popular. Nessa perspectiva, o hino não deve ser entendido como concorrente do primeiro, mas como complemento, compondo um repertório múltiplo de representações musicais do clube.

Essa coexistência entre o primeiro hino – possivelmente oficial - e o popular foi destacada por Souza (2009) e Tubino, Souza e Valladão (2009), que ressaltam o caráter plural da produção musical ligada ao futebol no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. Segundo os autores, os hinos populares de Lamartine nunca tiveram a intenção de substituir os oficiais, mas de ampliar o leque de manifestações culturais associadas aos clubes, criando memórias afetivas que ultrapassam o campo esportivo (Souza, 2009; Tubino; Souza; Valladão, 2009). Nesse sentido, o hino popular dedicado ao BFC merece uma leitura mais detida de seus versos, pois revela como o clube foi incorporado ao universo musical do rádio e da cultura carnavalesca.

A canção inicia evocando o nome do BFC em tom descontraído, rompendo com a solenidade típica dos hinos oficiais e aproximando-se do estilo das marchinhas. Esse recurso reflete a estratégia de Lamartine de associar o futebol a um ambiente de festa e celebração coletiva, reforçando a dimensão lúdica do esporte (Silva; Mendonça, 2008). Em seguida, a letra introduz a figura de Leônidas da Silva, exaltando sua passagem pelo clube e sua posterior consagração como ídolo nacional. Ao inscrever o “Diamante Negro” no hino, Lamartine reforça a ideia de que o BFC não é apenas um clube de bairro, mas também um espaço de revelação de talentos capazes de brilhar no cenário mundial (Buarque de Hollanda, 2018; Medeiros, 2018).

Outro aspecto marcante é o uso de expressões coloquiais e humorísticas, que dialogam diretamente com a tradição das canções carnavalescas da época. Esse estilo confere ao hino popular uma linguagem de fácil apropriação pela torcida, transformando-o em um veículo de identidade afetiva e de pertencimento. A leveza do texto e o ritmo musical reforçam o caráter social do clube, aproximando o BFC de práticas culturais do subúrbio carioca, em contraste com os modelos mais elitizados de exaltação que dominavam os hinos oficiais da primeira metade do século XX (Freitas, 2019).

Dessa forma, o hino popular de Lamartine Babo opera como um espelho cultural da comunidade rubro-anil: ao mesmo tempo em que celebra o ídolo Leônidas e insere o clube no universo radiofônico, traduz em música a irreverência, o humor e a criatividade que caracterizam a identidade cultural do subúrbio.

Assim, ao lado do hino de 1921, símbolo da ascensão esportiva e da afirmação suburbana, o hino popular de Lamartine Babo representa a inserção do BFC no imaginário cultural carioca, vinculando-o à tradição musical da cidade e ao humor característico das marchinhas de carnaval. Ambos, cada qual em sua época e estilo, constituem patrimônio cultural do clube e revelam a riqueza de sua identidade, marcada tanto pela solenidade da vitória esportiva quanto pela irreverência da cultura popular.

A análise do hino popular de Lamartine Babo permite identificar características musicais que dialogam diretamente com a tradição das marchinhas de carnaval cariocas. Como observa Souza (2009), Lamartine foi pioneiro em incorporar ritmos populares de andamento alegre e cadência marcada em suas composições, tornando-as facilmente assimiláveis pelo grande público e permitindo sua apropriação pelas torcidas de futebol.

No caso do BFC, a estrutura rítmica da canção revela essa mesma leveza festiva, marcada por sincopações sutis e passagens que remetem ao balanço característico das marchinhas carnavalescas, gênero que, segundo Buarque de Hollanda (2018), influenciou parte da produção musical brasileira no período. Essa fusão de estilos confere ao hino um caráter lúdico e vibrante, aproximando-o do ambiente carnavalesco e reforçando o vínculo emocional entre clube e torcida. Neste sentido, podemos classificar a melodia como popular e a letra como histórico-narrativa, pois, ao mesmo tempo em que traduz musicalmente a leveza das marchinhas de carnaval, a letra registra um episódio emblemático da história do BFC: a passagem de Leônidas da Silva pelo clube e sua consagração como ídolo nacional. Essa dupla característica aproxima o hino rubro-anil das composições analisadas por Souza (2009) em outros clubes do Rio de Janeiro, como Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense e América, que também apresentavam melodias de fácil assimilação popular e letras voltadas para a construção de uma narrativa identitária.

Assim, a obra de Lamartine não apenas reforça a singularidade do BFC, mas o insere em uma tradição mais ampla da cultura futebolística carioca, na qual música e esporte se entrelaçam como dimensões indissociáveis da memória coletiva.

4.3 HINO DO CENTENÁRIO

Em 2013, o BFC completou cem anos de existência, um marco histórico que motivou a criação de um novo hino, composto por Wandemberg Lopes da Silva, o Beca Lopes. Torcedor e sócio proprietário do clube, Beca Lopes foi jogador da escolinha sub-17 em 1972 e é atualmente integrante do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense (de Ramos). Denominado "Hino do Centenário", essa composição surge em um contexto de resgate da memória e reafirmação da identidade rubro-anil, celebrando não apenas a trajetória esportiva, mas também o papel do clube como patrimônio cultural e afetivo da Leopoldina e do Rio de Janeiro.

A autoria de Beca Lopes, também, confere ao hino uma roupagem contemporânea, sem abandonar os elementos simbólicos tradicionais que caracterizam a identidade do clube. A letra (Quadro 3) evoca valores como glória, história, missão e pertencimento, articulando-se com a narrativa de resistência e orgulho que permeia a trajetória do BFC. Expressões como "Avante, Bonsucesso", "Cumpre com glória a tua missão" e "Brilhante na história do centenário de um campeão" remetem à linguagem épica dos hinos tradicionais, mas com uma cadência e melodia adaptadas ao ouvido moderno, facilitando sua adoção pelas novas gerações de torcedores.

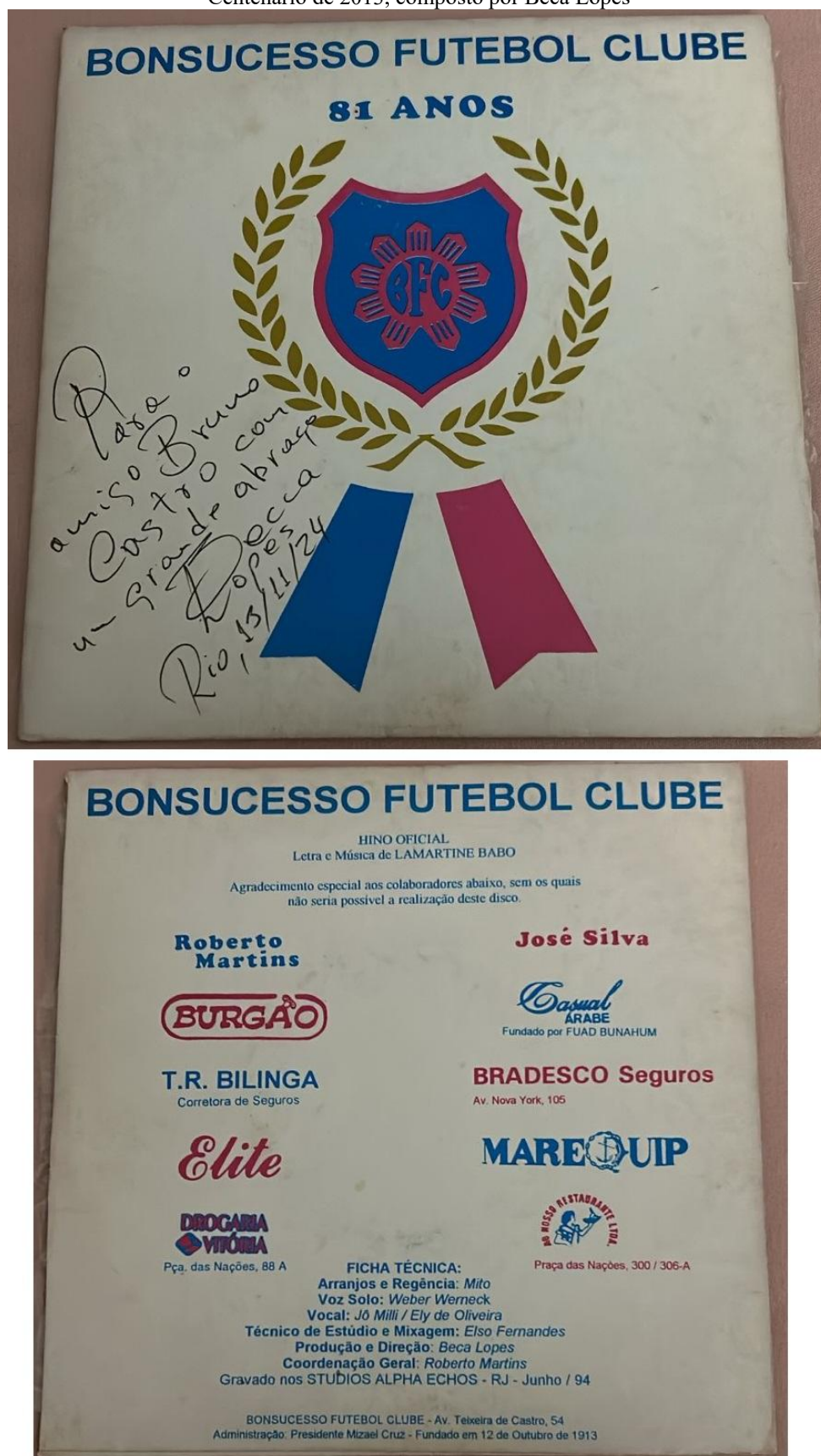
Quadro 3 – Hino do Centenário, de Beca Lopes

Hino do Centenário
<p><i>Avante, Bonsucesso, Cumpre com glória a tua missão Brilhante na história do centenário de um campeão Ganhaste a simpatia de todo o povo do Grande Rio Marcante travessia da Leopoldina para o Brasil Nas batalhas da vida ao teu lado estarei Nas vencidas ou perdidas, Bonsucesso serei Teu vermelho e azul em motivos se faz Jogar para a frente, lutar mais e mais Vencer, vencer em campos mil Parabéns, pavilhão rubro-anil</i></p>
Beca Lopes – 2013

FONTE: Disco compacto citado na Figura 4. Interpretação do hino disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ij8dgot5Qgs>

Na imagem abaixo o disco compacto cedido, a esta pesquisa, pelo mesmo Beca Lopes com a composição original de Lamartine, supracitada, e com sua composição do Hino do Centenário em 2013 (Figura 4):

Figura 4 – Disco compacto com o Hino Popular do BFC, composto por Lamartine Babo em 1949 e do Hino do Centenário de 2013, composto por Beca Lopes



Fonte: Disco compacto cedido por Beca Lopes aos autores.

Do ponto de vista simbólico, o Hino do Centenário opera como um dispositivo de memória, recuperando e atualizando a história do clube. Menções à "marcante travessia da Leopoldina para o Brasil" e à "simpatia de todo o povo do Grande Rio" reforçam a dimensão geográfica e afetiva do BFC, situando-o não apenas como um clube de bairro, mas como uma instituição de relevância metropolitana e nacional. Essa ampliação de escala reflete a consolidação do clube no imaginário esportivo carioca, além de dialogar com o reconhecimento oficial como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro em 2022.

A estrutura musical do hino combina elementos marchados — herança dos hinos esportivos clássicos — com arranjos modernos, o que facilita sua execução em estádios e eventos sociais. Essa dualidade estética permite que o hino seja ao mesmo tempo solene e acessível, mantendo viva a chama da tradição sem perder o apelo popular.

Além disso, o Hino do Centenário cumpre uma função integradora ao reunir em uma única peça musical referências às cores do clube ("teu vermelho e azul"), à postura combativa ("jogar para a frente, lutar mais e mais") e ao vínculo emocional com a torcida ("nas batalhas da vida ao teu lado estarei"). Dessa forma, Beca Lopes consegue sintetizar em versos a essência rubro-anil, criando um elo entre o passado glorioso e o presente de resistência e afeto.

A classificação dos hinos de clubes cariocas proposta por Souza (2009) oferece uma chave interpretativa essencial para compreender o hino composto por Beca Lopes para o BFC. Diferente do hino oficial de 1921, marcado pelo tom marcial, a composição de Beca Lopes apresenta uma melodia popular, de ritmo leve e facilmente assimilável, próxima das tradições musicais urbanas que dialogavam com o rádio e a cultura popular da segunda metade do século XX. Essa característica reforça sua vocação para ser entoado em coro pela torcida, funcionando como elo entre clube e comunidade, em sintonia com a tradição de Lamartine Babo e de outros compositores que aproximaram a linguagem do futebol da musicalidade popular (Valença, 1974; Tubino; Souza; Valladão, 2009).

No que se refere à letra, o hino de Beca Lopes pode ser classificado como histórico-narrativo, pois destaca a trajetória do BFC, exalta sua ligação com a Leopoldina e celebra momentos e personagens que marcaram a memória coletiva do clube. Assim como observa Souza (2009) em sua análise sobre os hinos de Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense e América, trata-se de uma forma de narrativa que ultrapassa a simples exaltação de vitórias, assumindo a função de registro cultural e memorialístico. Essa classificação é ainda reforçada pelo modo como a melodia popular e a letra histórico-narrativa se articulam na canção, transformando-a em veículo de coesão simbólica. Como defendem Tubino, Souza e Valladão (2009), os hinos funcionam como narrativas épicas de

pertencimento e identidade. No caso do BFC, a composição de Beca Lopes cumpre esse papel ao narrar a trajetória de luta e superação do clube, ao mesmo tempo em que a melodia popular a torna acessível e memorável para a torcida. Assim, a canção se consolida como uma das expressões mais significativas do patrimônio musical rubro-anil, reforçando a imagem do BFC como instituição que resiste e se reinventa ao longo de sua história.

A existência desse terceiro hino não substitui ou enfraquece os anteriores; pelo contrário, complementa o hinário do BFC, acrescentando uma camada contemporânea à sua identidade sonora. Enquanto o hino de letra escrita por Noemia de Castro documenta a ascensão esportiva na década de 1920, e o de Lamartine Babo integra o clube à cultura de massa midiática, o hino de Beca Lopes consolida o BFC como instituição centenária, portadora de uma história que se renova e se projeta para o futuro.

Recomenda-se, portanto, que o Hino do Centenário seja também oficialmente reconhecido no estatuto do clube como seu segundo hino oficial, ao lado do hino de 1921, como primeiro hino oficial, assegurando assim a preservação e valorização de todas as camadas de sua identidade musical e simbólica.

Por fim, para uma melhor leitura, podemos visualizar no Quadro 4 as características dos hinos, sendo os hinos da coluna 1 descritos com a mesma terminologia utilizada pelo Museu do Futebol (SP), e os hinos das colunas 2 e 3, baseados em Souza (2009).

Quadro 4 – Características socioculturais dos hinos do BFC

HINO	MELODIA	LETRA
Primeiro hino – 1921	Marcial	Histórico-narrativa
Hino popular – 1949	Popular	Histórico-narrativa
Hino do Centenário - 2013	Popular	Histórico-narrativa

Fonte: Baseado em Souza (2009) e Museu do Futebol (SP).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida neste artigo permitiu compreender os hinos oficiais e popular do BFC não como meras composições de incentivo, mas como artefatos culturais fundamentais para a construção e perpetuação de uma identidade clubística profundamente enraizada no território da Leopoldina. O primeiro hino de 1921, de letra escrita por Noemia de Castro, emerge como um documento histórico de valor inestimável. Sua linguagem solene e metafórica, típica do período, eterniza não apenas a conquista esportiva que levou o clube à elite do futebol carioca, mas também o orgulho e o sentimento de afirmação de uma comunidade suburbana em busca de reconhecimento. A singularidade de sua autoria por uma mulher, em um ambiente predominantemente masculino,

acrescenta uma camada crucial à sua importância, revelando a inserção de novas vozes na narrativa esportiva da cidade.

Em contraponto e complemento, o hino popular de Lamartine Babo (1949) representa a consolidação do clube no imaginário cultural carioca de massas. Ao associar o BFC ao humor, à irreverência das marchinhas e, sobretudo, à figura mitológica de Leônidas da Silva, a composição de Babo projetou a agremiação para além dos limites geográficos do subúrbio, vinculando-a à história do futebol brasileiro e à cultura popular do Rio de Janeiro. Conforme apontado por Souza (2009), o hino popular não tinha a intenção de substituir um oficial, mas de ampliar o espectro de representações afetivas e simbólicas dos clubes, função que cumpriu com maestria no caso do BFC.

Completa este hinário tripartite o Hino do Centenário (2013), de Beca Lopes, que introduz uma dimensão contemporânea à identidade sonora do clube. Sua linguagem não apenas ressalta o passado glorioso, mas projeta o BFC no presente e futuro, reforçando valores de resistência e pertencimento numa era de transformações urbanas e culturais. Este hino opera como dispositivo de memória atualizado, conectando as conquistas históricas aos desafios atuais e às aspirações futuras da agremiação.

Em conjunto, estas três peças musicais ilustram as múltiplas faces da identidade do BFC: a solenidade histórica e a luta pela legitimidade esportiva, representadas pelo hino de letra escrita por Noemia de Castro; a integração festiva e popular, capturada pela composição de Lamartine Babo; e a resistência contemporânea e projeção futura, expressas no hino de Beca Lopes. Esta pesquisa demonstra, portanto, que a história de um clube não se escreve apenas com títulos e jogos, mas também por meio de suas expressões culturais, que atuam como veículos de memória e agentes de coesão social (Toledo, 2002; Souza, 2009).

Finalmente, reiteramos a recomendação de oficialização estatutária do hino de letra escrita por Noemia de Castro (1921), e melodia inspirada na “Canção do Marinheiro” (Cisne Branco) de Antônio Manoel do Espírito Santo (Sargento Calhau), como Primeiro Hino Oficial e do hino de Beca Lopes (2013) como Segundo Hino Oficial do BFC, garantindo o reconhecimento formal destas composições como patrimônio imaterial do clube. Paralelamente, defende-se a preservação e valorização do hino popular de Lamartine Babo como expressão cultural complementar. Estas medidas são essenciais para honrar essa história plural e garantir que as futuras gerações de torcedores possam acessar as múltiplas camadas que constituem a rica trajetória rubro-anil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. De arrabaldes a subúrbios: a cidade do Rio de Janeiro e seu papel na organização do território carioca. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. A star player and the world of goods: soccer and consumption in the 1930s–40s. *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 2, p. 493-523, 2018.

DEPOIMENTO PESSOAL. Flávio Guilherme Paraense, 2025.

FRANZINI, Fábio. O Brasil nas Olimpíadas: dos pioneiros aos heróis nacionais. Rio de Janeiro: Editora Olímpica, 2020.

FREITAS, Gustavo Cerqueira. Uma análise acerca do conteúdo dos hinos oficiais e populares dos clubes brasileiros. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 5, n. 12, p. 1-15, 2019.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EdUFF, 1998.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar; BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MEDEIROS, Ana Carolina de Souza. A mestiçagem nas imagens de Leônidas da Silva nas Copas do Mundo. *FULIA/UFMG*, v. 3, n. 1, p. 70-85, 2018.

LIMA, Maurício Ferreira de. Uma geografia do esporte: clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (1941-1954). *GEOUSP – Espaço e Tempo*, v. 24, n. 3, p. 435-450, 2020.

OLIVEIRA, Bernardo Borges Buarque de. Para o bairro, para o subúrbio, para a nação: a experiência náutica do Olaria Atlético Clube (1915-1930). *Tempos Históricos*, v. 28, n. 2, p. 366-396, 2024.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Felipe; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O futebol latino no Rio de Janeiro: visões suburbanas sobre o Campeonato Sul-Americano de 1919. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 17, n. 2, p. 1-20, 2024.

RIO DE JANEIRO (Estado). Assembleia Legislativa. Projeto de Lei nº 6.047/2022. Reconhece o BFC como patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

RODRIGUES, Ricardo. A experiência do Ciclo Suburbano Clube (Madureira/RJ). *Revista Movimento*, v. 21, n. 4, p. 1015-1032, 2015.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol e representação animal: os mascotes no imaginário esportivo brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 27, n. 3, p. 91-108, 2006.

SILVA, José Carlos; MENDONÇA, Maria Aparecida. Uma análise dos hinos dos clubes esportivos brasileiros. *Ciência & Cultura*, v. 60, n. 4, p. 34-37, 2008.

SILVA, Rodrigo Saturnino. Futebol e cultura visual: a construção da figura do craque – Marcos Carneiro & Leônidas. 2019. 264 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOUZA, Bruno de Castro. Hinos oficiais e hinos populares como representações simbólicas dos principais clubes de futebol do Rio de Janeiro: a contribuição de Lamartine Babo. 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2009.

TEIXEIRA, Chandy; SCHMIDT, Tébaro; GARCIA, Gustavo. Histórias Incríveis: o mito Leônidas, diamante da bola, batiza chocolate. *GloboEsporte.com*, 6 set. 2013. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html>

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcer: a metáfora da paixão*. São Paulo: Annablume, 2002

TUBINO, Manoel José Gomes; SOUZA, Bruno Castro de; VALLADÃO, Rafael. Uma análise acerca do conteúdo dos hinos oficiais e populares dos principais clubes cariocas de futebol da Primeira República ao Estado Novo. *Fitness & Performance Journal*, v. 8, n. 1, p. 56-67, 2009.

VALENÇA, Suetônio Soares. *Tra-la-lá: vida e obra de Lamartine Babo*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.